

PRÁTICAS PREDATÓRIAS EM PERIÓDICOS CIENTÍFICOS

PREDATORY PRACTICES IN SCIENTIFIC JOURNALS

Maria Andréina Pessoa Silva¹

Maria Giovanna Guedes Farias²

Juliana Soares Lima³

RESUMO

Este estudo teve como objetivo apresentar as práticas predatórias em periódicos científicos, bem como identificar meios para detectá-las. Para tal, realizou-se uma revisão de literatura do tipo narrativa, visando descrever e discutir o estado da arte do tema em foco. Os resultados revelaram características como envio de *spam* para os pesquisadores, informações falsas acerca do corpo editorial e indexação, entre outras. Além disso, foram identificadas tecnologias úteis para identificar essas práticas, como: Preda Qualis, Journal Guide, Academic Journal Predatory Checking System, cartilhas e outras ferramentas que podem servir como parâmetros de identificação. Conclui-se que são necessárias ações para a sensibilização e prevenção das práticas predatórias em periódicos científicos, uma vez que o dano causado pelo compartilhamento de pesquisas falsas atinge diversos âmbitos da sociedade. Por isso, é fundamental valorizar e proteger a qualidade e a integridade da pesquisa em todas as áreas do conhecimento.

Palavras-chave: práticas predatórias; periódicos científicos; pesquisa científica.

¹ Pós-graduanda em Tecnologias Digitais Aplicadas à Educação (TEA) pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI). Bacharela em Biblioteconomia (2023) com experiência em periódicos científicos, com atuação como bolsista da Revista de Psicologia da UFC e da Revista Passagens. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4846-6267>. E-mail: andreinapessoa@alu.ufc.br.

² Doutora em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia (PPGCI/UFBA), com período sanduíche na Università della Calabria (Unical) na Itália, fomentado pela Capes. Mestre em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba (PPGCI/UEPB). Graduada em Comunicação Social (Habilitação: Jornalismo) pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Curso de especialização em Marketing e Novas Mídias promovido pelo Umweltzentrum des Handwerkskammer Trier - Alemanha. Atualmente é Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação e do Departamento de Ciências da Informação da Universidade Federal do Ceará. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2690-3350>. E-mail: mgiovannaguedes@gmail.com.

³ Mestra em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Bacharela em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Ceará. Especialista em Inovação em Unidades de Informação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). Bibliotecária da Universidade Federal do Ceará. Editora Associada do Directory of Open Access Journals (DOAJ). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9399-673X>. E-mail: julianaslima@proton.me

ABSTRACT

This study aimed to present predatory practices in scientific journals, as well as to identify ways to detect them. For this, a literature review of the narrative type was carried out, aiming to describe and discuss the state of the art of the theme in focus. The results revealed characteristics such as sending spam to researchers, false information about the editorial board and indexing, among others. In addition, useful technologies were identified to identify these practices, such as: Preda Qualis, Journal Guide, Academic Journal Predatory Checking System, booklets and other tools that can serve as identification parameters. It is concluded that actions are needed to raise awareness and prevent predatory practices in scientific journals, since the damage caused by sharing false research affects different areas of society. Therefore, it is essential to value and protect the quality and integrity of research in all areas of knowledge.

Keywords: predatory practices; scientific journals; scientific research.

Data de submissão: 04 out. 2023

Data de aprovação: 17 dez. 2023

1 INTRODUÇÃO

Os periódicos desempenham um papel fundamental na validação do conhecimento científico, pois são responsáveis por legitimar e divulgar artigos e pesquisas para universidades, cientistas e a comunidade em geral. Desde a criação dos primeiros periódicos impressos até os que conhecemos hoje, publicados em diversas plataformas e formatos de leitura, eles se tornaram uma importante fonte de referência para pesquisadores que querem tornar os resultados de seus estudos registrados e conhecidos.

Com as facilidades de acesso e divulgação proporcionadas pela internet, tem-se observado um aumento preocupante de práticas predatórias em periódicos científicos. Essas práticas podem incluir envio excessivo de e-mail, informações falsas no corpo da revista, falta de revisão por pares e cobrança de taxas para publicação. Práticas desonestas e enganosas permeiam o campo acadêmico e o mercado editorial, e no ramo das publicações científicas essas práticas têm encontrado facilidades para sua propagação.

Algumas revistas se envolvem em posturas questionáveis, e identificar quais revistas adotam essas posturas tornou-se uma tarefa desafiadora. Deste modo, este estudo tem como objetivo responder a seguinte pergunta: Quais são as principais características das práticas predatórias em periódicos científicos? Para responder a

tal questionamento, objetivou-se apresentar as principais características das práticas predatórias em periódicos científicos, bem como identificar meios para detectá-las.

Em termos metodológicos, realizou-se uma revisão de literatura do tipo narrativa, visando descrever e discutir o estado da arte do tema em foco. Além disso, esta pesquisa tem uma abordagem qualitativa e de natureza básica, tencionando fornecer uma visão abrangente e descritiva das práticas predatórias em periódicos científicos. Foram realizadas buscas no Portal de Periódicos da Capes com o acesso pela Comunidade Acadêmica Federada (CAFe) dentro das seguintes bases: DOAJ, PubMed, Nature e SciELO no ano de 2022 e no primeiro semestre de 2023, utilizando os termos “periódicos predatórios”, “predatory journals” e “revistas depredadoras”; buscamos artigos que foram publicados no período de 2012 até 2023. Também foi selecionado o marcador de “periódicos revisado por pares” para que obtivéssemos melhores resultados. Após a leitura dos dez primeiros textos encontrados na busca, foram escolhidos os que eram mais atualizados acerca do assunto, iniciamos a análise das referências que apareciam nos artigos recuperados, com a finalidade de localizar mais materiais que tratam sobre as práticas predatórias em revistas científicas, e também por sites e *softwares* que possam auxiliar na identificação deste fenômeno.

2 PRÁTICAS PREDATÓRIAS EM PERIÓDICOS

Produzir conhecimento científico significa promover diversas atividades de pesquisa e de organização de um manuscrito, visando comunicar a ciência. Essa comunicação pode ocorrer de maneira informal, com um caráter mais pessoal, tais como “reuniões científicas, participação em associações profissionais e colégios invisíveis” (Targino, 2000, p. 20); bem como formal, a qual está conectada, principalmente, à comunicação escrita publicada em “livros, periódicos, obras de referência em geral, relatórios técnicos, revisões de literatura, bibliografias de bibliografias etc.” (Targino, 2000, p. 18). Comumente, a comunicação entre pesquisadores ocorre por meio de artigos publicados em periódicos, que têm a função de disseminar os resultados alcançados em pesquisas, e também se configuram como uma forma de documentar estudos que estão sendo feitos em universidades e centros de pesquisa. Segundo Trzesniak (2009), os periódicos científicos têm como objetivo levar aos seus leitores, autores e avaliadores novos conhecimentos que sejam relevantes para as suas áreas de pesquisas; preservando esse conhecimento de

modo que seja encontrado anos após sua publicação; e ainda promovendo velocidade de publicação das pesquisas.

Para preservar e disseminar o conhecimento científico é preciso que os periódicos construam políticas editoriais com diretrizes éticas e transparentes, para que os autores sigam-nas ao submeter um manuscrito. Isto deve ocorrer com o objetivo de disseminar apenas estudos que tenham validade científica, ou seja, que tenham sido criteriosamente avaliados pelos pares e que estejam em conformidade com os padrões de boas práticas de pesquisa de cada área.

Esse tipo de avaliação é um dos pré-requisitos necessários para a credibilidade das revistas, bem como dos artigos que são publicados. Entretanto, há revistas que negligenciam a avaliação por pares. Nos últimos anos, surgiu o termo 'editores predatórios' mencionado pela primeira vez em 2010 por Jeffrey Beall em seu primeiro trabalho acerca dessas práticas, para se referir aos editores que exploram a produção do conhecimento científico, visando apenas a obtenção de lucro, sem se preocupar com a qualidade e a veracidade do que será publicado. Esse tipo de editor costuma enviar de forma massiva e-mails para pesquisadores com promessas não factíveis conforme a ética editorial, a exemplo da promessa de republicar um artigo que já foi publicado em um periódico sério, em um processo muito rápido e sem burocracia, mediante pagamento (Beall, 2016).

Essas práticas podem ser prejudiciais para a ciência e para a pesquisa, uma vez que não avaliam a qualidade do trabalho, mas sim a velocidade com que ele é publicado. Mas então, o que seriam essas práticas? Para uma definição inicial, as práticas predatórias "são aquelas que causam a destruição e o desvirtuamento do processo de publicação científica" (Mainardes, 2020, p. 1). Os processos ocorrem desde a submissão do manuscrito no periódico até sua publicação, os quais se dividem em analisar se este está de acordo com as normas da revista, envio para os avaliadores e, caso aprovado, prosseguir para publicação. Em alguns casos, as revistas e editoras comerciais optam por cobrar taxas de "submissão, processamento e/ou tramitação, publicação e a cobrança por adicionais" (Carvalho *et al.*, 2020), porém, essas publicações ainda passam por todo esse processo da mesma forma.

Já a predatória, por outro lado, tem como principal intuito a obtenção de lucro financeiro. Uma característica comum dessas práticas é que são "geralmente sem revisão rigorosa por pares, apesar das reivindicações ao contrário" (Berger; Cirasella,

2015) e cada vez mais, há um crescimento no número de periódicos que adotam essas práticas. Conforme Cabells (2022) o número de revistas predatórias é de cerca de 15.500. O aumento desse número é alarmante, uma vez que essas entidades não se preocupam com os procedimentos formais estabelecidos para a publicação, como as avaliações por pares. Elas demonstram pouco interesse nessas formalidades e não se responsabilizam pela avaliação dos impactos negativos dessas ações na comunidade em geral. Esses periódicos são conhecidos por enviar e-mails de forma abusiva para possíveis autores, na tentativa de obter artigos. Nesses casos, eles só publicam os artigos após o pagamento e não há garantia de revisão por pares (Barreto Segundo, 2019).

Além de serem encontradas em periódicos, essas práticas predatórias também podem ser adotadas por editoras e por conferências, pois são entidades que visam apenas “o interesse próprio e são caracterizadas por informações falsas ou enganosas, desvio das melhores práticas editoriais e de publicação, falta de transparência e/ou uso de práticas de solicitação agressivas e indiscriminadas” (Grudniewicz *et al.*, 2019, p. 211, tradução nossa). Vale ressaltar que nem todas as editorias e conferências estão de acordo com essas práticas antiéticas, mas que as práticas predatórias também podem ser encontradas em outras formas no meio científico.

Como não há uma revisão aprofundada sobre os trabalhos recebidos nessas revistas, não é possível mensurar o dano causado para a ciência, mas compreende-se o considerável impacto na integridade da pesquisa científica. O interesse em obter ganhos financeiros pode levar à publicação de estudos de baixa qualidade, com metodologias inadequadas e/ou insuficientes, ou conclusões duvidosas. Além disso, a falta de transparência e a ausência de revisão por pares adequada podem permitir a disseminação de informações enganosas ou não comprovadas.

Com o objetivo apenas de obter lucro e rapidez nas publicações, essas organizações demonstram falta de transparência, fornecem informações falsas e não utilizam das boas práticas editoriais fornecendo dados enganosos, utilizando de práticas agressivas e tentando cativar seus usuários (Kobey *et al.*, 2018, p. 1). Certamente, a presença de taxas para manutenção de periódicos é um aspecto importante a ser considerado na discussão acerca das práticas editoriais. A necessidade de recursos financeiros para cobrir despesas operacionais, como

manutenção do site, tradução, correção gramatical, pagamento do *Digital Object Identifier* (DOI) é compreensível e legítima. Essas despesas são parte integrante do processo de publicação e contribuem para a qualidade e acessibilidade das pesquisas.

É crucial distinguir entre taxas legítimas, destinadas a cobrir custos operacionais e melhorar a infraestrutura editorial, e práticas predatórias que visam apenas o lucro, sem um comprometimento real com a qualidade científica. Como mencionado por Berger e Cirasella (2015), a presença de taxas de processamento de artigos ou *article processing charges* (APC) por si só não é um indicativo de que essa revista possua práticas predatórias.

A transparência na divulgação dessas taxas e a clareza sobre como esses recursos são utilizados são fatores importantes. Revistas que adotam práticas éticas e transparentes em relação às suas políticas de taxas tendem a demonstrar confiança nos pesquisadores. Essa transparência também contribui para a compreensão de que as taxas cobradas têm um propósito claro e legítimo, em vez de serem simplesmente um meio de obter lucro sem prestar contas.

Por isso, ao considerar as APCs é importante validar a integridade e as práticas éticas da revista como um todo, levando em conta não apenas a presença das taxas, mas também a transparência e a prestação de contas associadas a essas taxas. Essa análise mais abrangente ajuda a diferenciar revistas legítimas de revistas com práticas duvidosas.

O que é diferente das práticas predatórias, onde os processos de avaliação não são adequadamente realizados, a qualidade dos artigos publicados é questionada, o que pode acarretar na não confiabilidade das pesquisas, podendo ser considerado um desperdício de bolsas e recursos que são investidos, segundo a InterAcademy Partnership (IAP), que ainda aponta um risco de que essas práticas se enraízem na cultura das pesquisas.

[...] entrevistados em todo o mundo temem que, se não contestadas, as práticas acadêmicas predatórias podem se infiltrar e comprometer a credibilidade do empreendimento de pesquisa; alimentar a falta de informação com possíveis consequências legislativas públicas drásticas; e ampliar a lacuna de pesquisa entre os países de renda alta e baixa em um sistema já enviesado, que pende pesadamente em direção aos países de renda alta (IAP, 2022, p. 10).

Essas práticas predatórias representam uma preocupação significativa e, além disso, há o receio de que elas possam agravar ainda mais as desigualdades na pesquisa entre países de diferentes níveis socioeconômicos. Esse cenário coloca em risco a equidade no acesso às oportunidades de publicação e financiamento, prejudicando especialmente as nações com menos recursos e infraestrutura científica.

Observa-se que a facilidade de acesso aos meios de comunicação a um expressivo número de pessoas, assim como a disseminação de informações em grande escala, a mudança no modelo de negócio das editoras com o acesso aberto, em que os autores passaram a cobrir os custos de publicação, a transição do modelo de periódico impresso para o digital são alguns dos fatores que podem ajudar alguns periódicos e editoras científicas a se camuflarem e imitarem a aparência de editoras e revistas sérias, com o intuito de confundir leitores e autores que podem se tornar candidatos em potencial para cair nas armadilhas das práticas predatórias.

O crescente aumento de revistas com essas práticas pode estar relacionado à pressão que os pesquisadores sofrem para publicar, pois o “sucesso na carreira do corpo docente de pesquisa acadêmica geralmente está centrado em sua publicação e registro de financiamento” (Wilkinson *et al.*, 2019, p. 1), com isso, eles podem recorrer a revistas que possuem práticas predatórias, como uma forma de atender à demanda de terem suas pesquisas publicadas em um periódico, visando atingir metas, conseguir financiamento e etc. Resultando no produtivismo acadêmico que ocasiona “baixa qualidade dos artigos submetidos ou os problemas éticos relacionados ao plágio e ao autoplágio” (Kuhlmann Jr., 2015, p. 841).

Uma entrevista realizada pela IAP em 2022, demonstrou que pelo menos 24% dos entrevistados publicaram em periódicos ou participaram de conferências com práticas predatórias; também ressalta que 14% dos entrevistados assumiram que participaram por não estarem cientes ou com o intuito de crescer em suas carreiras, enquanto 10% não sabem se foram vítimas ou não (IAP, 2022). A pesquisa também complementa que os cientistas de países em desenvolvimento podem estar nesta lista, já que seus estudos podem não ter um alcance desejado. Xia *et al.* (2014, p. 1414, tradução nossa) ratifica que “esses pesquisadores são jovens, inexperientes e frequentemente localizados em países em desenvolvimento”. Vale ressaltar que alguns autores podem desconhecer essas práticas predatórias e/ou meios de

identificá-las e serem facilmente enganados, submetendo seus artigos em revistas que possuem abordagens e práticas predatórias.

2.1 Características das práticas predatórias

As revistas que possuem práticas predatórias, apresentam características enganosas, fraudulentas e antiéticas. Uma das maiores características deste tipo de revista é não haver avaliação por pares. Contudo, esta não é a única prática predatória, como pode ser visualizada no Quadro 1, o qual foi produzido por meio de um levantamento na literatura das práticas mais recorrentes.

Quadro 1 – Características de periódicos com práticas predatórias

(continua)

Autor(es)	Práticas
Grudniewicz <i>et al.</i> (2019), IAP (2022), O'Donnell (2023), Penã <i>et al.</i> (2022), Repiso e Montero-Díaz (2021)	Informações falsas ou enganosas, como o uso indevido do nome de editores, indexação em bases, indicadores de prestígio e falso corpo editorial.
Mainardes (2020), O'Donnell (2023), Penã <i>et al.</i> (2022), Repiso; Montero-Díaz (2021)	Assediam os potenciais autores por meio de e-mails (<i>spam</i>). No <i>website</i> colocam os valores das taxas em dólares, e nos contatos via e-mail, informam o tempo que o artigo será publicado após o pagamento ser feito. Sede em países diversos, sempre mudando o local de publicação.
O'Donnell (2023), Penã <i>et al.</i> (2022)	Afirmam ser de acesso aberto e fazem cobrança das taxas, também solicitam que os autores façam a transferência do direito autoral. Esse ponto ainda fica em discussão, pois apesar de o acesso aberto ter como objetivo reduzir os licenciamentos e restrições dos direitos autorais com o intuito de facilitar o seu compartilhamento, manter esses direitos pode ser arriscado, já que os autores podem optar por reeditar ou republicar o trabalho.
Mainardes (2020), O'Donnell (2023)	Editora possui em sua plataforma revistas de diferentes áreas ou é listada como proprietária de todos os periódicos dessa plataforma. Os editores-chefes, em sua maioria, não são pesquisadores reconhecidos na área e não apresentam informações de contato. Não especifica sistema de controle de plágio.
O'Donnell (2023), Repiso e Montero-Díaz (2021)	Nome de periódicos genéricos ou já existentes ou enganosos, sendo associados a organizações, editoras e periódicos.

Autor(es)	Práticas (conclusão)
Mainardes (2020)	<p>Publicação apenas na língua inglesa.</p> <p>Revistas brasileiras supostamente predatórias não informam os valores no site, mas informam via e-mail.</p> <p>Publicam números elevados de artigos por ano, algumas chegam a publicar artigos diariamente, em fluxo contínuo.</p> <p>As revistas com práticas predatórias também convidam pesquisadores para atuarem como editores, visando conseguir mais autores com artigos qualificados.</p> <p>Algumas revistas não informam a data de recebimento e aceite do artigo. Outras informam, mas fica nítido que foi um tempo curto entre o recebimento de sua publicação.</p>
Repiso e Montero-Díaz (2021)	<p>Em sua maioria são periódicos com pouco tempo de publicação, assim como são 100% digitais.</p>

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Como apresentado no quadro acima existem revistas que não possuem essas práticas, contudo, carregam uma ou algumas dessas características e podem vir a ser consideradas como revistas predatórias, bem como explica Grudniewicz *et al.*, 2019 apud IAP, [2022], p. 7):

Em seu cerne, e em concordância com a definição consensual internacional, estas práticas servem para priorizar o interesse próprio às custas da academia. Elas podem ser cometidas por editoras novas e bem estabelecidas, fraudulentas e respeitadas, tradicionais e de Acesso Aberto, em qualquer lugar do mundo. Os indicadores típicos são fornecidos para cada parte do espectro, para auxiliar usuários a se familiarizarem com sua complexidade.

Essas práticas podem manifestar-se de várias maneiras, sendo uma delas a alta quantidade de e-mails abusivos que os autores recebem, incentivando-os a publicar em revistas que possuem práticas predatórias, e nesses e-mails “oferecem revisão rápida e usam taxas de publicação (em vez de tradicional revisão por pares ou editorial) como critério para aceitar artigos” (Wilkinson *et al.*, 2019, p. 1).

Apesar de algumas características apresentadas serem encontradas em alguns periódicos, torna-se um desafio identificar quais revistas possuem essas práticas e

quais não. Para facilitar a identificação e também como forma de alerta aos pesquisadores, a IAP (2022) desenvolveu um espectro do comportamento predatório em revistas científicas (Figura 1), que pode servir de base para avaliar a veracidade do periódico.

Figura 1 - Espectro de comportamentos predatórios em revistas científicas





Fonte: IAP (2022, p. 8).

Esse espectro busca fornecer uma escala que varia de características que se enquadram como fraudulentas até práticas que demonstram qualidade no periódico. Utilizando desse espectro e sabendo das características gerais, os pesquisadores poderão comparar de forma crítica em quais periódicos irão submeter seus artigos, levando em consideração a revisão por pares de forma adequada, transparência do corpo editorial e das boas práticas científicas. É importante ressaltar que o espectro serve como base e não como uma forma absoluta para definir os periódicos.

Assim como há revistas que potencialmente possuem práticas predatórias, também existem editores com práticas questionáveis. Alguns editores podem se envolver em comportamentos antiéticos ou predatórios, os quais podem comprometer a integridade e a qualidade da publicação acadêmica. No Quadro 2 há alguns tipos de editores potencialmente predatórios, de acordo com Guimarães e Hayashi (2023, p. 5-6):

Quadro 2 –Tipos de editores potencialmente predatórios

Tipos	Modus operandi	Características
 <p>Impostor/Hijacker (Impostor, Sequestrador)</p>	<p>Apresenta-se como um periódico bem estabelecido ou como uma publicação associada a uma marca ou sociedade conhecida.</p>	<p>Geralmente adicionam uma palavra extra ao nome de um periódico existente, como "Advances", "Reviews" ou "Reports" ou criam sites que parecem estar afiliados a outra publicação.</p>
 <p>Phisher (Fraudador)</p>	<p>Atrai autores em potencial com promessas e cobra grandes taxas após o artigo ser aceito. Persistentes, eles podem exigir pagamento mesmo que nenhum contrato ou acordo de direitos autorais tenha sido assinado.</p>	<p>Apresenta-se como um periódico bem estabelecido ou como uma publicação associada a uma marca ou sociedade conhecida.</p>
 <p>Papermill (Fábrica de artigos)</p>	<p>Produção em massa de trabalhos de má qualidade feitos sob encomenda, muitas vezes por meio de aprendizado de máquina ou plágio. Diferentemente dos outros tipos de predadores, as fábricas de artigos servem para enganar leitores e editores, não autores.</p>	<p>A autoria é comprada. Os autores podem ter pouca ou nenhuma experiência real relacionada ao assunto que está sendo publicado. O texto do artigo pode estar cheio de "frases torturadas" comuns em textos escritos de aprendizado de máquina ou apropriados do trabalho de outra pessoa.</p>
 <p>Trojan Horse (Cavalo de Tróia)</p>	<p>Tem um site de aparência legítima, mas após uma inspeção mais detalhada, nada é o que parece. Os periódicos são 'empty shall' ou pior, povoados por artigos roubados, plagiados de outras revistas conceituadas, ou sem sentido.</p>	<p>Difícil de identificar. O histórico de publicação, a frequência e a qualidade do artigo devem ser examinadas.</p>
 <p>Unicorn (Unicórnio)</p>	<p>Muito bom para ser verdade! Alegam oferecer serviços – revisão rápida por pares, indexação em bancos de dados, fatores de impacto etc. – mas não cumprem.</p>	<p>Semelhante ao 'phisher', mas intencionalmente enganoso sobre seus serviços, mas não sobre preços.</p>

Fonte: Guimarães e Hayashi (2023, p. 5-6).

As características apresentadas no Quadro 2 podem ser encontradas em diferentes graus, variando de editores com um grande número delas até aqueles com apenas algumas. Vale ressaltar que nem todas essas características são determinantes para avaliar uma revista, pois há aquelas que não possuem recursos para investir e podem ser consideradas sem impacto para a comunidade científica. Contudo, essas características podem servir como indicadores para a identificação das práticas predatórias.

Algumas destas práticas foram listadas como foco estratégico por Linacre (Rice *et al.*, 2021⁴ ; IAP, 2020⁵ ; Kratochvíl *et al.*, 2020⁶ ; Brembs, 2015⁷; Björk *et al.*, 2020⁸ apud Linacre, 2022, tradução nossa) no combate às práticas predatórias, quais sejam:

[...] evitar as revistas predatórias, usar listas de advertência como Predatory Reports ou estratégias usando sites como Think Check Submit (<https://thinkchecksubmit.org/>); aumentar a conscientização da comunidade acadêmica por meio de programas de educação e treinamento, e melhorar a compreensão da natureza da pesquisa e do contexto em que é publicada (Rice *et al.*, 2021); as agências governamentais devem intervir para identificar e derrubar *sites* de periódicos predatórios (IAP, 2021); entender o problema como uma entidade complexa e não homogênea e agir de acordo com as circunstâncias (Kratochvíl *et al.*, 2020); compreender que periódicos predatórios são uma consequência de prioridade relativamente baixa dos benefícios mais amplos de um modelo de acesso aberto (Brembs, 2015) com pouco impacto científico (Björk *et al.*, 2019).

Além das ações citadas, há também diversas ferramentas disponíveis que podem auxiliar nesse processo de detecção, tais como:

Quadro 3 - Ferramentas de detecção

(continua)

Nome	Funcionalidade	Link de acesso
Equator Network	Iniciativa internacional que pretende melhorar a pesquisa com relatórios de diretrizes para estudos.	https://www.equator-network.org/
Preda Qualis	Sistema que identifica possíveis periódicos com práticas predatórias.	https://predaqualis.netlify.app/
Google Scholar Metrics	Mostra o número de citações de artigos dos últimos 5 anos.	https://scholar.google.com/citations?view_op=metrics_intro&hl=en

⁴ RICE, D.B.; SKIDMORE, B; COBEY, K.D. Dealing with predatory journal articles captured in systematic reviews. **Systematic Reviews**, [Estados Unidos da America], n. 175, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s13643-021-01733-2>.

⁵ InterAcademy Partnership. **Combatting predatory academic journals and conferences**. Washington, DC: IAP, 2020. Disponível em: www.interacademies.org/project/predatorypublishing.

⁶ KRATOVHÍL, J.; PLCH, L.; SEBERA, M; ORIT'ÁKOVÁ, E. Evaluation of untrustworthy journals: transition from formal criteria to a complex view. **Learned Publishing**, [s. l.], v. 33, n. 3, 2020. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/leap.1299>.

⁷ BREMBS, B. **Predatory priorities**. Björn Brembs: [s. l.], 2015. <http://bjoern.brembs.net/2015/10/predatory-priorities/>.

⁸ BJÖRK, B-C; KANTO-KARVENEN, S.; HARVIAINEN, J.T. How frequently are articles in predatory open access journals cited. **Publications**, Basel, v. 8, n. 2, 17, 2020. Disponível em: www.mdpi.com/2304-6775/8/2/17.

(conclusão)		
Nome	Funcionalidade	Link de acesso
Compass to Publish	Quantifica o grau de autenticidade de um periódico de acesso aberto.	https://app.lib.uliege.be/compass-to-publish/
Journal Guide	Compara periódicos selecionados.	https://www.journalguide.com/
Academic Journal Predatory Checking System	Sistema automático de checagem de periódicos predatórios.	http://140.113.207.51:8000/
Cabell's Scholarly Analytics	Avaliador de métricas.	https://www2.cabells.com/
Centre for Journalology	Desenvolvedor de guias para identificação de periódicos predatórios.	https://ohri.ca/journalology/one-stop-shop-predatory-journals
AuthorAID	Iniciativa de apoio à autores.	https://www.authoraaid.info/en/
Publishing with Integrity	Blog com informações sobre práticas predatórias.	https://predatory-publishing.com/
Práticas predatórias na produção científica: cartilha	Cartilha informativa sobre as práticas e suas características.	https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/70246
Identificación y tratamiento de revistas espurias en Latindex Guía para Editores	Guia para editores sobre práticas predatórias.	https://latindex.org/lat/documentos/Revistas_espurias-Guia_para_editores_definitiva.pdf

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Além das ferramentas de detecção apresentadas no quadro acima, vale ressaltar que os autores também devem agir com cautela e não efetuar pagamentos caso não tenham certeza sobre a reputação do periódico, ao qual estão submetendo seus trabalhos. No caso de um pesquisador ser incluído em uma revista sem o seu consentimento, é possível entrar em contato com o editor para informar que não concorda com a inclusão, e mover os e-mails recebidos para a pasta de *spam*. Se um pesquisador tiver sua imagem associada a um periódico com práticas predatórias, é recomendável solicitar ao editor a remoção do seu nome. Caso não se obtenha resultados, é aconselhável buscar orientação jurídica (O'Donnell, 2023).

Para além das práticas predatórias encontradas em editores e revistas, Barreto Segundo (2019) afirma que os autores podem adotar posturas antiéticas, tais como:

manipular e fabricar dados, cometer plágio e autoplágio, duplicar artigos, inserir como autores ou coautores quem não contribuiu efetivamente com a pesquisa etc. Diante disso, é essencial que os pesquisadores estejam atentos não apenas para as práticas encontradas em periódicos, editoras e conferências, mas também se autorregulem no que diz respeito às boas práticas na ciência, pois a confiabilidade é "uma das características mais importantes da ciência, pois a distingue do conhecimento popular, não científico" (Mueller, 2003, p. 21).

A fim de facilitar a detecção de publicações predatórias, Linacre (2022, p. 53, tradução nossa) realizou uma pesquisa e utilizou de sua experiência na temática para desenvolver seis perguntas compreensíveis para autores:

Como você pode detectar e evitar periódicos predatórios? Pesquise o tópico e use as diversas diretrizes fornecidas por bibliotecas universitárias em todo o mundo. Você também pode usar os próprios critérios da Cabells ([Cabell's International - About Predatory Reports \(cabells.com\)](https://cabells.com)) para identificar periódicos predatórios para inclusão em seu banco de dados Predatory Reports.

Qual é o sinal de alerta de que um jornal ou editor é predatório? Além dos indicadores comuns listados aqui, outros sinais mais superficiais podem incluir gramática/ortografia ruim, cobertura muito ampla de um tópico ou solicitação de submissões de artigos com elogios excessivos em e-mails de spam.

Quais medidas posso tomar para minimizar a chance de publicar em um periódico predatório? Há três coisas que todo autor pode fazer para mitigar as chances de publicar nos periódicos errados: verificar suas escolhas de periódicos com colegas de confiança, bibliotecários e acadêmicos seniores; garantir que todos os detalhes compartilhados sobre o periódico, como localização do editor, afiliação do editor e verificação do banco de dados de citações; e confirme que o periódico está incluído em vários bancos de dados de periódicos respeitados, como Scopus, Web of Science, Cabells' Journalytics ou DOAJ.

O que acontece se você publicar em um jornal predatório? Ele permanece publicado - a retratação é altamente improvável, e tentar republicar o artigo em um periódico legítimo só aumentará o problema ao violar as diretrizes éticas de publicação.

O que você deve fazer se perceber que publicou em um periódico predatório? Informe todos os coautores, sua instituição e todos os financiadores que apoiaram sua pesquisa e seja honesto sobre o erro. Sua instituição também pode ajudá-lo a tentar obter uma retratação.

Isso significa que minha pesquisa está perdida se eu publicar em um periódico predatório? Não. Você pode tentar desenvolver a pesquisa publicada em uma direção diferente e escrever um artigo inteiramente novo e tentar publicá-lo em um periódico legítimo, explicando aos editores relevantes que um artigo anterior foi publicado em um periódico predatório. (Linacre, 2022, p. 53, tradução nossa).

Além dos questionamentos e todas as ferramentas já apontadas, é fundamental que bases de dados, diretórios, agências de fomento à pesquisa e à publicação, editoras e periódicos científicos sérios criem um movimento internacional visando à adoção de diretrizes éticas na produção e divulgação de artigos, seja por parte de autores, avaliadores, editores e revistas, bem como que se incentive o desenvolvimento de instrumentos educativos e punitivos para quem se utiliza de práticas predatórias.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diversos autores destacaram que as publicações predatórias são oriundas de editoras que se utilizam de práticas e informações duvidosas, falsas e/ou enganosas, visando exclusivamente o lucro. Não obstante, é justamente por isso que se constitui como características principais dessas revistas a ausência ou falta de transparência sobre as etapas tradicionais e obrigatórias da avaliação por pares, acelerando assim o processo de publicação de um artigo, sem preocupação com o grau de qualidade do que se publica nesses veículos.

Ao destacar as características principais, esta revisão de literatura objetivou proporcionar uma visão geral das práticas predatórias. Essas informações são essenciais para conscientizar os pesquisadores, editores e demais envolvidos no processo de publicação científica sobre os riscos e impactos negativos associados a essas práticas.

A literatura estudada mostrou que para além dos periódicos, as práticas predatórias não se restringem apenas ao âmbito das publicações, mas também afetam a integridade e a confiabilidade da comunidade científica como um todo.

Apesar de a pesquisa ter apresentado resultados positivos, ao longo dela foram identificadas algumas dificuldades para encontrar os textos iniciais. Isso se deve ao fato de que as leituras iniciais sobre o assunto, em sua maioria, estavam em outros idiomas, como inglês e espanhol. Além disso, alguns artigos que traziam novidades sobre o tema estavam indisponíveis de forma gratuita, e seu custo era elevado.

Vale ressaltar que esta pesquisa não consegue fornecer um quantitativo exato das práticas predatórias, uma vez que o tema está em constante expansão, isto é, há espaço para pesquisas futuras que abordem essa temática de forma mais abrangente. À medida que mais pesquisas são realizadas e mais informações são divulgadas, espera-se que haja um aumento no entendimento e na capacidade de enfrentar esse problema.

REFERÊNCIAS

- BARRETO SEGUNDO, João de Deus. Práticas predatórias e anticientíficas em publicação científica *Predatory and unscientific practices in scientific publication*. **Revista Pesquisa em Fisioterapia**. Salvador, 2019, n. 9, v. 3, p. 298-300. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/335487771_Praticas_predatorias_e_anticientificas_em_publicacao_cientifica/fulltext/5d687bc3a6fdccadeae43d08/Praticas-predatorias-e-anticientificas-em-publicacao-cientifica.pdf. Acesso em: 17 maio 2023.
- BEALL, Jeffrey. Os editores predatórios estão a destruir a integridade da comunicação académica. *In*: GRADIM, Anabela; MOURA, Catarina (org.). **Comunicar e Avaliar Ciência**. Portugal: Editora LabCom.IFP, 2016, cap. 1, p. 11-30.
- BERGER, Monica; CIRASELLA, Jill. Beyond Beall's List: better understanding predatory publishers. **College & Research Libraries**, Estados Unidos da América, v. 76, n. 3, p. 132-135, 2015. Disponível em: <https://crln.acrl.org/index.php/crlnews/article/view/9277>. Acesso em: 24 jun. 2022.
- CABELLS. *Predatory Reports*. **Cabell's Internation**. Texas: Cabells, [20-?]. Disponível em: <https://cabells.com/solutions/predatory-reports>. Acesso em: 22 nov. 2022.
- CARVALHO, Móises Moreira de *et al.* A escolha do periódico científico sob a perspectiva financeira: análise do estrato A1 na área 21. **Revista Brasileira de**

Ciências do Esporte, Brasília, v. 42, p. e2046, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/5kv9RyB8v8nHgJ5nVkrtGFt/?lang=pt>. Acesso em: 13 jun. 2023.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves; HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini. Revistas predatórias: um inimigo a ser combatido na comunicação científica. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, São Paulo, v. 21, p.e 023003, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdbci/a/vDRj6bhnWBLFvGrt6jypS3m/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 maio 2023.

GRUDNIEWICZ, Agnes *et al.* Predatory journals: no definition, no defence. **Nature**, Estados Unidos da América, 2019, v. 576, p. 210 - 212. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/d41586-019-03759-y>. Acesso em: 03 fev. 2023.

IAP. **Combate a Conferências E Revistas Acadêmicas Predatórias**: Relatório Sintético. Itália; Estados Unidos: The InterAcademy Partnership, [2022]. Disponível em: <https://www.interacademies.org/sites/default/files/2022-03/3.%20Summary%20report%20-%20Portuguese.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2022.

KOBEY, Kelly D. *et al.* What is a predatory journal? A scoping review. **F1000Research**, [s. l.] v. 7, n. 1001, 2018. Disponível em: <https://f1000research.com/articles/7-1001/v2>. Acesso em: 3 jul. 2022.

KUHLMANN JR., Moysés. Produtivismo acadêmico, publicação em periódicos e qualidade das pesquisas. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 45, n.158, p. 838-855, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/q9tzpKgD4ggsYFGSmyhd5NK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 jun. 2022.

LINACRE, Simon. **The Predator Effect**: Understanding the Past, Present and Future of Deceptive Academic Journals. Editora: Against the Grain (Media), LLC, 2022. Disponível em: <https://www.fulcrum.org/concern/monographs/1j92gb03n>. Acesso em: 3 jul. 2022.

MAINARDES, Jefferson. Práticas predatórias na publicação. **Boletim Técnico do PPEC**, São Paulo, v. 5, p. 1-6, 2020. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/boletins/index.php/ppec/article/view/9410>. Acesso em: 3 jun. 2023.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. A ciência, o sistema de comunicação científica e a literatura científica. *In*: CAMPELLO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette (org.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: Ed. Universidade Federal de Minas Gerais, 2003, cap. 1, p. 21-34.

O'DONNELL, Megan. **What is a predatory publisher?**. Site online. Estados Unidos da América: Iowa State University, 2023. Disponível em: <https://instr.iastate.libguides.com/predatory>. Acesso em: 28 abr. 2023.

PENÃ, Teresa Abejon *et al.* Identificación y tratamiento de revistas espurias en Latindex Guía para Editores. **Latindex**, [s. l.] 2022, 2. ed. Disponível em: https://latindex.org/lat/documentos/Revistas_espurias-Guia_para_editores_definitiva.pdf. Acesso em: 18 abr. 2023.

REPISO, Rafael; MONTERO-DÍAZ, Julio. **Guía para detectar revistas depredadoras, secuestradoras y megadepredadoras**. Site online. Australia: The conversation, 2021. Disponível em: <https://theconversation.com/guia-para-detectar-revistas-depredadoras-secuestradoras-y-megadepredadoras-158801>. Acesso em: 29 maio 2023.

TARGINO, Maria das Graças. Comunicação científica: uma revisão de seus elementos básicos. **Informação & Sociedade: Estudos**, [S. l.], v. 10, n. 2, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/326>. Acesso em: 11 jun. 2023.

TRZESNIAK, Piotr. A Estrutura Editorial de um Periódico Científico. *In*: SABADINI, Aparecida Angélica Zoqui Paulovic; SAMPAIO, Maria Imaculada Cardoso; KOLLER, Sílvia Helena. **Publicar em Psicologia: um Enfoque para a Revista Científica**. São Paulo: Associação Brasileira de Editores Científicos de Psicologia: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2009, cap. 4, p. 87-102.

XIA, Jingfeng *et al.*. Who Publishes in “Predatory” Journals?. **Journal of the association for information science and technology**, v. 66, n. 7, p. 1406–1417, 2014. Disponível em: <https://asistdl.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/asi.23265>. Acesso em: 21 jun. 2023.

WILKINSON, Tracey *et al.*. A cross-sectional study of predatory publishing emails received by career development grant awardees. **BMJ Open**, [s. l.], v. 9, n. 5, 2019. Disponível em: <https://bmjopen.bmj.com/content/9/5/e027928>. Acesso em: 3 jul. 2022.